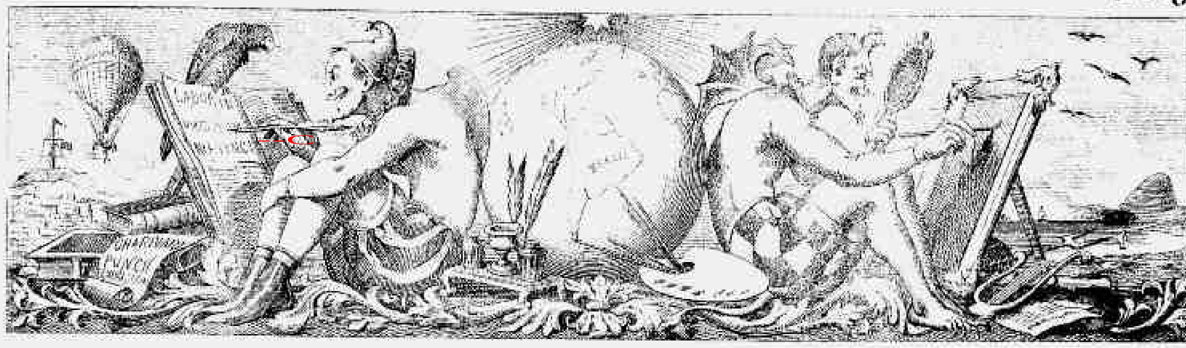
Assigna-se R. do Ouvidor N.º [illegible] e Ajuda N.º 16

A COMEDIA SOCIAL

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Anno I

N.º 28



Advertencia

[illegible] a quem quizer mandar artigos ou desenhos para a Comedia Social, se dirija [illegible] redacção — Rua do Ouvidor N.º [illegible] 1.º andar [illegible]

Preço das Assignaturas

CORTE E NICTHEROY		PARA AS PROVINCIAS	
Anno	8$000	Anno	10$000
Semestre	4$000	Semestre	6$000
Numero avulso	[illegible]		

Programma

A Comedia Social tem por fim [illegible] do povo [illegible] physico, intellectual e moral, revelando seus direitos e [illegible] [illegible] Imprimir [illegible] [illegible] Brazil [illegible] [illegible] O vicio [illegible] e a CAricatura, e a critica [illegible] vicios e abusos que corroem a nossa sociedade, da corrupção, da descrença, da [illegible] da injustiça, da [illegible] e do charlatanismo.

Na luta eterna do bem e do mal é um [illegible] do Bem.

— Então Mariana, o que quer dizer isto ? ha mais de tres mezes que não pões louro na comida !

— Pois minha senhora não disse que nhonhô veio carregado de *louros* do Paraguay ? eu estou sempre a espera do louro, e por isso não compro mais.

A COMEDIA SOCIAL

ADVERTENCIA.

Recebem-se no escriptorio da redacção assignaturas para o

PRIMEIRO VOLUME
ENCADERNADO
DA
COMEDIA SOCIAL.

Estará prompto no dia 15 de Setembro proximo futuro, e constará dos ns. 2 a 27 desta folha. Terá 104 paginas de grande formato e mais de 80 engraçadas desenhos.

PREÇO 6$000

RIO DE JANEIRO, III DE AGOSTO DE 1870.

E com muito prazer que publicamos, no lugar competente, uma carta que nos dirigiu o Sr. Quintino Bocayuva. A observação do seu humanitario que fie-sujamos fazer, reservaremos patrioticamente de nossa folha.

Na participação o publico que divida se o S. apiscula uma confisação valiosa do que dissimas sobre a immoralidade nas republicas.

Associação promotora da instrucção popular.

Os povos (pie não são esclarecidos, (pie não leem na sciencia de seus direitos e deveres, não podem ser classificados entre os que gosam da verdadeira liberdade. Falta-lhes, para isso, o conhecimento do que constitue a dignidade humana.

Não admira e nao surpreende a ninguém, que nos paizes governados despoticamente, onde a lei limita-se a vontade de um unico homem, seja o povo conservado no mais completo estado de ignorancia; e isso da essencia d'essas organisações sociaes, pois (pie desde o momento em que os povos começam a esclarecer-se e instruir-se, tem principio a obra de sua regeneração, cujo termo cesta e infallivel é o antiquillamento d'esse jugo odioso e atroz, que se chama despotismo.

Ninguem ignora, e muito menos, ainda aos espiritos menos pensadores e reflectidos, que em paizes, como o Brasil, cujas leis escriptas são liberaes, os povos sejam ignorantes e desconheçam aquillo que tem direito de exigir, e o (pie são obrigados a fazer.

Assim, o estrangeiro que aporta ao Brasil se supporá em um paiz governado despoticamente, porque tudo — a ignorancia do povo; o arbitrio, capricho e despotismo das autoridades, e a submissão e humildade com que o povo, todo se curva, e inducirá a pensar de semelhante modo, não estando, confessemol-o para vergonha nossa, muito longe da verdade.

Esse estrangeiro, porém, depois de estudar as nossas instituições, as nossas codigos, muito naturalmente será levado a fazer esta pergunta:

— Como, e que n'este paiz, cujas leis escriptas, principiando pelo seu pacto fundamental, são quasi tão liberaes como as mais liberaes do mundo, não sendo a lei a vontade de um só homem, o povo vive opprimido, sujeito a um jugo verdadeiramente despotico?

A resposta a esta pergunta, que ao primeiro lance d'olhos parece natural e sensata, e facilima e está aqui, como de todos que se quizerem dar ao trabalho de examinar o meio, porque está organisado o nosso immenso, incommensuravel quasi, funccionalismo.

De feito, desde os cadetes do ministro do estado até, na phrase do illustrado Sr. Dr. Rangel Pestana, os postos subalternos da guarda nacional, predomina de modo extraordinario, devassando, um elemento. O estrangeiro, pois, que se der a esse estudo, dará convenientissimo:

— O vale, paiz imperia o despotismo, não exercido por um unico homem, mas por muitos, que formam uma classe unica, — a dos bachareis em direito.

E assim fica naturalmente explicado o esmero e cuidado, que os governadores desta terra empregam para conservar o povo no estado da mais absoluta ignorancia.

E, porém, o seu, e intuitivo, que semelhante estado de cousas, que tanto nos rebaixa e envilha perante o estrangeiro, não pode e nem deve continuar.

E tambem fora de duvida que cousa alguma se deve esperar, quer do iniciativa do poder executivo, quer do legislativo, ambos sempre compostos, em sua quasi totalidade, de legistas; pelo que cumpre (ijie os homens dotados de patriotismo e de energia, quer na imprensa, quer na tribuna popular, instiguem e esclarecam o povo.

Chegou ao nosso conhecimento, que ora tem lugar a tentativa de fundar-se uma sociedade, sob o titulo que serve de epigrafe a este artigo, com o nobre fim de esclarecer e moralisar o povo.

Em artigo subsequente nos occuparemos desse projecto de associação, cuja realisação e prosperidade sinceramente desejamos.

A vocação de Patty

CAPITULO I.

« Patty, você é uma casamenteira. »

« Ora, Roberto! »

Não obstante o tom de supplica com que pronunciei estas duas palavras, Roberto repetiu a calumnia. E' uma calumnia? Porque seria calumnia?

Até onde diz respeito a incommodos, lidas interminaveis, perda de tempo, mallogros e contrariedades, a minha experiencia da vida de casamenteira é formada completamente d'estas cousas. Portanto uma casamenteira deve estar imbuida dos mais verdadeiros elementos de desinteresse, deve ser, pois, admirada, amada, protegida.

Estremeço ao recordar-me do que soffri por Sara Joanna, quando ficou enamorada do bonito moço, sobrinho do Dr. Leech. Não é que um ou outro d'aquelle joven casal seja agora tão grato como outros deveriam ser. Devo dizer comtudo que o Sr. Bellenden não teria sonhado em amar Sara Joanna, se eu não o fizesse ter essa idéia.

Eu não digo a ella, está visto, mas ninguem sabe quão demoradamente elle percebeu o que eu lhe dava a entender, quão protellaram foi em seguir de perto aquelles indicios, ou quantas vezes eu poderia ter-lhe dado pancada por ouvir o que eu dizia tão friamente como se se fallasse de alguem da Lua.

Pobre Sara Joanna!

Fui obrigada a manifestar muitos dos seus sentimentos particulares, cousa que por amor do meu sexo envergonhava-me de fazer; mas nenhuma outra cousa a despertava.

Parecia comprazer-se em ouvir fallar nos soffrimentos d'ella, mostrando-se tão infatuada e satisfeita que dei graças a minha estrella por não ser Sara Joanna, ou ella Roberto. E se a tal d'ella não houvesse deixado aquelle seguido...; mas, oh! não quero ser má. Elles estão casados; fiz o casamento: foi o primeiro, e, como diz Roberto, não me dá grande credito.

« Ha de haver casamentos sem o seu auxilio, Patty, fique certa d'isso, » diz-me Roberto duas vezes por semana.

« Ora, Roberto!! »

« E' verdade, Patty; ninguem lhe ajudou nem a mim, ainda que você estivesse bem talhada para isso. »

Isso era exacto, embora eu não o dissesse a Roberto. Fui tão desde que me lembro. Quando era quasi menina, levava sentada horas inteiras, muito socegada, com medo de rasgar a camisella limpa. Na minha infancia não combatia maior prazer do que limpar todas as impurezas da gente sem areia. Na minha puberdade, eu andava no trinque. Gostava de vestidos de Quaker, e era sempre austera com as raparigas expansivas, e embuçava-me em tão severo manto de reserva e dignidade que é um milagre ter Roberto percebido que eu seria boa esposa. Pois sou. Dividade Divina! Como me odeiaria eu mesma, se o não fosse. Porquanto Roberto é homem tal...

Quando como alumno de agricultura veiu morar com meu tio, eu gostava delle antes de vel-o. Gostava pelo que ouvia dizer d'elle, do seu modo de raspar os sapatos na porta e depois estrugal-os no capacho.

Não experimentei repugnancia alguma interior quando o vi pela primeira vez como succedeu a Sara Joanna na primeira occasião em que vio o Sr. Bellenden; mas julgo ser isso devido a estar com o espirito preoccupado para dizer a meu tio que devíamos pôr um capacho novo na porta da frente. O nosso achava-se em estado de ir prestar serviços na porta de detraz; mas hesitei em fazer o pedido a meu tio até ver o novo alumno. Pessoa alguma acreditara na amisade dos alumnos de agricultura á lama. Amaram-n'a.

Assim foi que Roberto e eu nos encontramos. E vendo-o exigente em materias de concerto de roupa, examinava-a por mim propria — tão negara que fazendo acreditar ser a roupa de meu tio. Ainda hoje Roberto não sabe d'isso; na verdade estou muito envergonhada de deixar escapar o segredo; mas foi pelo concerto da roupa que Roberto começou a interessar-me.

(Continúa.)

Estás satisfeito? ou historia dos narizes.

Nos suburbios de Praga, em Diwartz, havia antigamente um rico e caprichoso fazendeiro, o qual tinha uma filha casadeira. Os estudantes de Praga (e cerca de vinte e cinco mil havia nessa época) passeavam com frequencia por essas bandas, e mais de um de bôa vontade teria quanto a rabina da charrua para alcançar a mão da filha do fazendeiro. Mas que fazer?

A condição imposta pelo camponez era a seguinte:

— Engaja-te por um anno; isto é, até que o cuco annuncie a entrada da primavera; se de hoje até lá disseres, uma vez que seja, que não estás satisfeito, corto-te a ponta do nariz. Tambem accrescentava rindo, dou-te o mesmo direito sobre a minha pessoa.

E, se bem o dizia, melhor o fazia.

Praga estava cheia de estudantes de nariz remordido, o que não obstava moças impertinentes, ficando a cicatriz. O voltar de Diwartz mutilado ridiculo era de sobra para arrefecer a paixão.

Um certo Coranda, possuidor de membros, mas frio, fino e astuto, qualidades indispensaveis para fazer fortuna, quiz tental-a.

O fazendeiro acolheu-o com o agasalho do costume; e concluindo o ajuste, enviou o ao campo a trabalhar. A' hora do almoço chamaram todos os trabalhadores, sendo aquelle olvidado o nosso estudante: ao jantar o mesmo. Não se deu Coranda, por achado: voltou á casa e emquanto a cozinha lançava milho á criação, alapardou do fumeiro um enorme presunto, saca da arca um grande pão e sahe-se para o campo, jantar como um abbade e depois dormir sua boa sesta. Quando voltou á noite:

— Estás satisfeito? gritou o fazendeiro.

— Muito satisfeito, respondeu-lhe Coranda, jantei melhor que vós.

Eis senão quando vem a cozinha a gritar — ladrão! e o nosso homem a rir. O fazendeiro impallidece.

— Não estás satisfeito? disse-lhe Coranda.

— Um presunto, não é senão um presunto, replicou o mestre, não faço caso de ninharias.

Mas desse dia em diante houve o cuidado de não deixar o nosso estudante em jejum.

Chegado o domingo, o fazendeiro e sua familia mettem-se em carro para irem á Igreja e dizem ao pretenso familo:

— Cuidaras na jantar; lança na panella esse pedaço de carne e junta-lhe alhos, cenouras, cebolas e salsa.

— Bom, disse Coranda.

Havia na fazenda um pequeno cãosinho chamado *Salsa*.

Coranda mata-o, esfola-o e lança-o na panella. A senhora em chegando á casa procura pelo favorito; oh! só encontra uma pelle ensangoentada estendida á janella.

— Que fizeste?

— O que me ordenastes, senhor, temperei a panella com alhos, cenouras, cebolas e salsa. Não estás satisfeito? disse Coranda tirando a faca do bolso.

— Malvado, tolo! gritou o fazendeiro, tiveste animo de matar esta innocente creatura que era a alegria desta casa? Não digo isso, replicou o bom homem. Um cão morto não é senão um cão morto.

E suspirou.

Poucos dias depois o fazendeiro e sua mulher vão á feira e como desconfiavam do seu terrivel criado, disseram-lhe:

— Fica em casa, mas nada faças de tua cabeça; farás exactamente o que fizerem os outros.

— Bom, disse Coranda.

Havia no paiz um alpendre cujo tecto ameaçava ruina.

Vem pedreiros para concertal-o, e segundo o costume, começam por demolir. Eis o meu Coranda que lança mão de uma escada e galga o telhado da casa que era nova: te-

lhas, ripas, pregos, caibros, tudo arranca e deita por terra. Quando chega o fazendeiro, já a casa estava em temporalidades.

— Patife! que nova praga me pregas tu?

— Obedeci-vos, senhor, continuou Coranda. Ordenastes-me que fizesse o que os outros fizessem. Não estaes satisfeito?

— Satisfeito, disse o fazendeiro, muito satisfeito, e porque não! Algumas telhas de mais ou de menos não me empobrecem.

E suspirou.

A' noite o fazendeiro e sua mulher concordaram que era tempo de despedir esse diabo incarnado.

Como eram gente de bom senso, nada faziam sem consultar a filha, sendo de uso na Bohemia terem os filhos mais juizo que os pais.

— Meu pai, disse Helena, logo pela madrugada, eu irei esconder-me na grande pereira e imitarei o canto do cuco; dirás então a Coranda que o anno está concluido, visto cantar o cuco, e contas com Jorge, Jorge na rua.

Dito e feito. Desde pela manhã ouve-se o grito queixoso da ave da primavera.

Quem mais se admirou foi o fazendeiro.

— Ora, pois, meu rapaz, disse elle a Coranda; eis a nova estação, o cuco já canta sobre a pereira: vamos ajustar nossas contas e separemo-nos como bons amigos.

— Um cuco! nunca vi esse passaro.

Corre á arvore, sacode-a com força; ouve-se um grito, cahe da arvore uma moça e graças a Deus com mais susto do que damno.

— Malvado, gritou o fazendeiro.

— Não estaes satisfeito? disse Coranda puchando a faca.

— Miserando, matas-me a filha e ainda perguntas me si estou satisfeito? estou louco de cólera, vai-te si não queres morrer ás minhas mãos?

— Partirei depois que vos houver cortado o nariz. Sustentei minha palavra, sustentai a vossa.

— Olá! disse o fazendeiro, pondo as mãos diante do rosto, proponho o resgate do meu nariz.

— Vejamos, disse Coranda.

— Queres dous carneiros?

— Não.

— Dous bois?

— Não.

— Dez vaccas?

— Não, tenho mais prazer em cortar-vos o nariz.

E pôz-se a amollar a faca na soleira da porta.

— Meu pai, disse Helena, commetti o crime, eu o repararei. Coranda, aceitas minha mão em vez do nariz de meu pai?

— Sim, diz Coranda.

— Imponho, porém, uma condição, disse Helena: o primeiro de nós dous que não estiver satisfeito cortará o nariz ao outro.

— Bem, disse Coranda, estimava mais que fosse a lingua, mas depois do nariz lá chegaremos.

Nunca em Diwirtz se haviam visto nupcias tão bellas e nem conjuges mais felizes.

Coranda e Helena foram esposos completos.

Nunca queixaram-se, quer um quer outro; amavam-se de facto, e graças ao engenhoso convenio, conservaram, durante uma longa união, seu amor e seus narizes.

Laboulaye.

RECADOS DOS AMIGOS

Carta do Sr. Q. Bocayuva.

SR. REDACTOR DA «COMEDIA SOCIAL.»

A benevolencia com que V. S. se tem dignado tratar-me dá-lhe direito á minha especial consideração; e é fundado n'esta que tomo a liberdade de reclamar contra uma pequena inexactidão do seu artigo sobre a minha segunda conferencia.

Eu não estabeleci, como principio, que ha mais immoralidade nas monarchias do que nas republicas.

Recorrendo ás provas stenographicas do meu discurso, nem se quer encontrei allusão alguma que podesse prestar-se á apreciação que, só por equivoco, póde V. fazer.

Entretanto, peço licença para dizer-lhe que a these, quando fosse assim estabelecida, não ficaria destruida pelo facto singular, que V. aponta, de um caso de divorcio occorrido nos Estados Unidos.

Primeiramente, o divorcio não é uma instituição republicana.

Em segundo logar, um caso isolado não basta para destruir uma theoria.

Em terceiro logar, como V. o sabe melhor do que eu, ainda nos Estados-Unidos o divorcio não prevalece na legislação commum d'essa grande republica e sim somente no regimen particular de alguns estados.

De mais, como não aprecio a moralidade social pelas instituições politicas, poderá conservar-me silencioso; mas como aprecio sempre a franqueza e a lealdade, devo dizer a V. que effectivamente estou convencido de que, se as instituições republicanas não são as que mais influem para a moralidade social e domestica de um paiz, são pelo menos as que vão mais de accordo com o direito do homem e a dignidade humana.

A educação é que forma a moralidade. O povo mais bem educado, esse será sempre o mais moralisado, qualquer que seja o seu regimen politico.

Ora, sendo o governo democratico o governo da publicidade e sendo a publicidade só util e efficaz entre os povos que se educam e sabem ler, escrever e pensar, não custará muito provar (a quem queira encarregar-se da these) que, ainda nesse ponto, as monarchias as mais illustradas estão abaixo das republicas menos sabias.

A Prussia (que é allemã, entre parenthesis) apesar de todo o empenho com que tem cuidado da educação popular, e sendo, como é, a monarchia mais illustrada da Europa, sabe menos, com tudo, e vale menos do que a Suissa e do que os Estados-Unidos.

Sou com a maior estima e consideração

De V.,

Attento venerador e criado,

Q. Bocayuva.

Rio, 6 de Agosto de 1870.

Boato sinistro.

Lê-se na *Reforma* de 5 do corrente (2.ª pagina, 5.ª columna):

«Consta-nos que o Sr. João Fernandes vai jantar depois de amanhã com o Sr. José Pereira.

«O inesperado de tão repentina resolução deve preoccupar seriamente o espirito publico, que tem o direito de inquirir dos motivos que a determinaram.

«E isso deve muito mais sorprender quando a falta geral de agua nesta côrte devêra ser mais uma razão que retivesse S. S. dentro de casa.

«Não damos importancia aos boatos que se espalham de desavenças no seio da familia do Sr. João Fernandes, assim como não attribuimos a imprevista visita de S. S. a pretenções suas ou alheias ao cargo de subdelegado.

«Em todo o caso é necessario que se faça a luz, para que o espirito publico não se perca em conjecturas mais ou menos infundadas.»

Fogo nelles! Dito e feito!

Vai tudo por agua abaixo
Neste paiz de [illegible]!
Pois que, sendo elles corruptos,
Torpes, vis, machiavelistas,
Regra geral só deturpam
Tudo,—[illegible] p'ra suas pistas!

Entretanto, tão immundos,
Assim tão ruins, repugnantes,
Mostram-se emphaticos, sempre,
Insolentes, e pedantes
Mesmo comnosco,—os formados,
D'outras sciencias amantes!

Oh! que súcia!!... mas, é certo,
Dos becas o palanfrorio
Irá por terra, e igualmente
Seu systema papelorio!
E a tal politica nossa
Sumir-se-ha no stercorio!

P.

Uma ingenua experta.

— Prima Luizinha, você está contente com o seu noivo?...

— Estou.

— Como é que você com quinze annos vae casar com um velho de setenta?

— Mas, elle é tão rico!... e alem disso...

— Além disso o que?...

— Mamãe me disse que d'aqui a quatro annos, quando o primo Juca sahir doutor em medicina, já eu estarei viuva e poderei casar com elle.

O QUE VAI POR AHI!

Se não fazem-se reformas, ao menos o ministro do imperio não se olvida de apresentar os seus projectos. Temos agora a promessa de uma universidade. Não havejido lido as considerações feitas pelo ministro ao apresentar o seu projecto, apenas podemos fazer conjecturas quanto ás causas que tel-o-hiam feito apresentar essa idéa.

Hemover-se-ha ao mesmo tempo o collegio de Pedro II para algum ponto de Minas ou da provincia do Rio de Janeiro, crear-se-hão commissarios ou inspectores das escolas (excellentes cabos de eleição!) com o ordenado de 1:200$ ou 2:000$, augmentar-se-ha o ordenado dos professores primarios, construir-se-ha uma casa immensa, (alguma segunda edição da casa de lona e papelão), e como por encanto ficarão todos sabendo ler, escrever e contar, haverá moralidade em todas as classes, os legistas não invadirão tudo quanto é emprego inclusive o de porteiro de repartição, surgirão por toda parte sabios fazendo descobrimentos em todos os ramos de conhecimentos humanos e deixando embasbacada a Europa scientifica.

As grandes idéas quasi sempre enunciam-se de um modo simples. Para a producção de todos estes milagres bastará a palavra magica—Universidade! Os negros ficarão brancos, o votante saberá onde tem as ventas, a agua correrá em jorro de todas as bicas para refrescar a humanidade sequiosa.

Provavelmente a reforma é feita porque o ensino acha-se em atraso. Quereis saber o meio de remediar este inconveniente? E' estabelecer mais uma escola de direito aqui na corte.

Actualmente as faculdades do Recife e de S. Paulo innundam o paiz annualmente com duzentos legistas da mais baixa esperança (salvas as honrosas excepções). Havendo mais uma escola de direito, provavelmente a fornada annual será de trezentos bachareletes. Agora estes muchachos já têm invadido quasi tudo, lugares de policia, empregos de secretarias, lugares da alfandega, empregos de porteiro, tudo lhes serve. A fome é negra e não espera pelo dia de amanhã. Se engrossar a enchente dos legistas, vel-os-hemos em breve como carroceiros, caixeiros de venda, varredores de ruas, mercadores de camarão e tocadores de realejo.

N'esta ultima profissão com particularidade podem elles sobresahir muito. Não foram os taes senhores que inventaram o realejo politico?

Porque não se cream escolas de agricultura? Porque não se estabelecem escolas industriaes para os operarios? Porque não se trata de melhorar a instrucção primaria e ainda a secundaria, antes de termos a famosa Universidade? Porque não se attende sobre tudo á educação do sexo feminino, educação ainda em tão deploravel atrazo entre nós?

⁂

Começaram na sexta-feira passada, e terminaram no sabbado immediato as exéquias mandadas celebrar pelo governo em honra dos brasileiros mortos na campanha do Paraguay. A ceremonia esteve imponente de belleza e gravidade; o serviço admiravel, o cenotaphio, devido á inspiração do Dr. Pedro Americo, acima de toda a espectativa.

⁂

No dia 8 do corrente celebrou a sua entrada triumphal nesta côrte o 54 batalhão de voluntarios da patria. A concurrencia foi extraordinaria, e o enthusiasmo do povo foi além de toda a espectativa. Grande numero de bahianos Residentes foram receber os seus comprovincianos que tanto se distinguiram em defesa da honra nacional. Foi offerecida uma corôa de ouro ao batalhão, além de outras quatro de louro, todas em nome dos bahianos residentes nesta côrte. Depois de tantas fadigas voltam aquelles bravos a descançar no seu ninho paterno.

Etelvino.

Typ. rua da Ajuda n. 16.

— Nada, nada, minha cara amiga, vou pôr o nosso Juca na Academia das Bellas-Artes, que elle não faz progresso em cousa nenhuma, e já está muito crescido.

— Estás inteiramente no erro meu Guedes, p'ra ser-se artista é necessario muito tempo: põe o nosso Juca em S. Paulo, que d'aqui a cinco annos hade ser infallivelmente senhor doutor.

— A Questão da sêde acha-se a final resolvida pelos ultimos beneficios pluviaes da Providencia